

Jornalismo Cultural: Uma Proposta para a Formatação da Disciplina

Aline Strelow¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a formação do estudante de graduação em jornalismo cultural. Por meio de uma discussão sobre o conceito de cultura e o modo como é compreendido no jornalismo, especialmente na América Latina, apresentamos uma proposta para a disciplina jornalismo cultural, que visa contribuir para o aprofundamento teórico sobre essa especialidade do jornalismo, assim como para o aprendizado de sua prática profissional.

Palavras-chave: Jornalismo cultural; ensino de jornalismo; jornalismo e cultura; e formação acadêmica em jornalismo cultural.

1 – Cultura e jornalismo

A cultura é objeto dos jornais desde seu surgimento. Como pontua Rivera (1995), todo o jornalismo é cultural. No entanto, entre os temas tradicionalmente contemplados no que se convencionou chamar *jornalismo cultural*, destacam-se o teatro, a música, a literatura, as artes plásticas, o cinema e as produções televisivas. Como destaca Uribe (1992), porém, é preciso assumir que o que está em jogo, no jornalismo cultural, não são apenas exposições, espetáculos e personagens geniais, mas a cultura no seu sentido mais amplo, no convívio diário das pessoas. Em seu sentido etnográfico, a cultura designa o todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábito adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade, como já afirmava Tylor em 1871.

Essa concepção mais abrangente da cultura, que é centenária nos estudos antropológicos, é uma novidade para os veículos que se dedicam ao jornalismo cultural na atualidade, muitos deles ainda presos à agenda de espetáculos e variedades em geral. Por isso, a formação do estudante em jornalismo cultural deve se dar com base em uma abordagem ampla, que parta da compreensão do conceito de cultura, passando pelo contato com diferentes práticas culturais e pelo estudo do processo jornalístico nesse campo.

O ser humano é resultante do meio cultural em que foi socializado. Compreender as dinâmicas desse meio e as práticas culturais que nele se dão é um dos objetivos do jornalismo cultural

¹ Aline Strelow (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre/RS), 29 anos, possui graduação em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS) concluída em 2001. Fez mestrado (2004) e doutorado (2007) em comunicação social pela mesma instituição. É pesquisadora de comunicação e jornalismo, com ênfase nos seguintes temas: jornalismo especializado, comunicação e cultura, metodologias de pesquisa em comunicação e jornalismo, teorias da comunicação e do jornalismo, história da comunicação e jornalismo e literatura. Selecionada pelo texto “Jornalismo Cultural: Uma Proposta para a Formatação da Disciplina”. (alinstrelow@terra.com.br – 51 8124 5964)

contemporâneo. Não são poucas as dificuldades, no entanto, para concretizá-la. As ideologias do ofício jornalístico, as rotinas e os hábitos de trabalho dos jornalistas são alguns dos obstáculos a essa concepção de cultura no jornalismo, como lembra Martín-Barbero (1992). Para ele, a pressão da lógica informativa se traduz em compulsão na atualidade e alça ao status de notícia apenas os fatos do dia ou das últimas horas.

Frente a esse ritmo de temporalidade exasperada, os fatos da vida cultural desenham seus próprios ritmos, mas em vão. A temporalidade compulsiva da atualidade bate de frente com a da vida cultural e com a necessidade de dispor de discursos que tratem dos diferentes tempos da cultura. O autor ressalta, além disso, a aparente necessidade de fazer com que todas as notícias sejam *leves, digeríveis*, reduzidas em sua complexidade.

Entre as propostas de Martín-Barbero para a renovação da área, estão o estreitamento da ligação da informação cultural com o mundo da vida e a construção de um discurso que seja específico, sem ser narcisista nem singular. Isto é, um discurso que não se encerre na pseudoautonomia que serve apenas para ocultar seus laços com os interesses do mercado. A crítica cultural, segundo ele, continua mantendo, em grande medida, uma concepção de cultura que escamoteia as interpelações que vêm do mundo da vida e é funcional às demandas do mercado, a instância mais interessada em separar e especializar o valor do cultural.

Pretendendo construir um discurso que não seja perturbado pelas ambiguidades e contradições da vida cotidiana, não só a crítica especializada, mas boa parte do jornalismo cultural, acaba tendo como referência não as pessoas do país², mas os *entendidos* e os comerciantes de galerias de arte e de empresas de discos. (1992, p. 31, tradução nossa)

O estudo da cultura e o do jornalismo que se ocupa desse campo devem estar atentos para os contatos interculturais que são, muitas vezes, zonas de conflito. O processo de *hibridização*, para usar o termo de Canclini, nem sempre é *tranquilo*. Os momentos desse processo, e o modo como ele se dá são temáticas fundamentais para o jornalismo cultural contemporâneo, embora nem sempre estejam impressas nas páginas dos periódicos.

De acordo com Uribe, o jornalismo cultural é aquele que analisa, observa e recria os fenômenos e os fatos sociais do ponto de vista da cultura:

O jornalismo cultural a que nos propomos é aquele que investiga, busca causas, consequências, antecedentes históricos. É o jornalismo que deixa de lado o óbvio para aprofundar-se nos fatos e em seus protagonistas. O que procura o manejo criativo da linguagem. O que rompe. O que necessita tempo, especialização, consagração, conhecimento, sensibilidade e paixão. O que se compromete com o tema. Aquele que não se ajoelha diante do poder e que busca, antes de dar respostas, criar perguntas. (1992, p. 19, tradução nossa)

² O autor refere-se à Colômbia.

2 – Cultura: a hibridização de um conceito e de sua prática

A cultura, conforme Canclini (2003, p. 35), abarca o conjunto de processos sociais de significação, ou melhor, o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social. Não constitui, desse modo, nenhum tipo de erudição, educação, informação vasta ou refinamento. Não se restringe a grupos de maior ou menor influência social. É característica plural, da comunidade humana, seja ela vista como um todo planetário, seja fragmentada em pequenos blocos.

A sociedade está estruturada em dois tipos de relações: a de *forças* correspondentes ao valor de uso e troca e, junto a elas, dentro delas, relações de *sentido* que organizam a vida social, as *relações de significação*. O mundo das significações, do sentido, é próprio da cultura. É dos significados atribuídos, arbitrariamente ou não, às coisas, aos valores e às ideias que se constitui a cultura. São os signos e os símbolos que possibilitam a interação entre os homens e, em sua organização, ou não, residem a sociedade, a comunicação e a cultura.

O autor busca, no cruzamento da antropologia, da sociologia, da história da arte e dos estudos de comunicação, a evidência de que a cultura humana é híbrida. Ou seja, “assim como não funciona a oposição abrupta entre o tradicional e o moderno, o culto, o popular e o massivo não estão onde estamos habituados a encontrá-los” (CANCLINI, 2003, p. 19). Ao colocar os meios de comunicação social em pé de igualdade com as demais manifestações, Canclini legitima seu papel, como resultado, entre outros fatores, da internacionalização da economia, da transnacionalização dos próprios meios de comunicação, do aumento do fluxo turístico e das migrações internas e externas, como pontua Jacks, em seu estudo sobre a mediação simbólica das culturas regionais (1999, p. 30). Conforme a autora, essa perspectiva de pesquisa desponta com propostas que avançam na compreensão dos processos comunicacionais nos países latino-americanos, nos quais tanto a modernidade quanto a modernização andam a passos desconexos (1999, p. 31).

É necessário demolir essa divisão em três pavimentos, essa concepção em camadas do mundo da cultura, e averiguar se sua *hibridação* pode ser lida com as ferramentas das disciplinas que os estudam separadamente: a história da arte e a literatura se ocupam do *culto*; o folclore e a antropologia, consagrados ao popular; os trabalhos sobre comunicação, especializados na cultura massiva. Precisamos de ciências sociais nômades, capazes de circular pelas escadas que ligam esses pavimentos. Ou melhor: que redesenhem esses planos e comuniquem os níveis horizontalmente. (CANCLINI, 2003, p. 19)

Sobressaem-se, então, os cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam. Os movimentos sociais e as mudanças da vida em sociedade acarretam a adaptação de saberes. Isso fica claro quando se observa as modificações no artesanato dos

migrantes do campo para atrair o interesse dos consumidores urbanos, por exemplo. Ou, ainda, quando os operários reformulam sua cultura de trabalho frente às novas tecnologias de produção sem abandonar crenças antigas.

Exemplos de hibridização cultural, como lembra Burke (2003), podem ser encontrados em toda parte, na maioria dos domínios da cultura – religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos na arquitetura, na literatura ou na música. O termo não tem exatamente o mesmo significado em todos esses momentos.

É necessário, para estudar a cultura latino-americana, ou as culturas nela inseridas, como é o nosso caso, lançar um olhar conjunto que se encarregue desta *heterogeneidade temporal*. Conforme Canclini (2003, p. 21), tanto os tradicionalistas quanto os modernizadores quiseram construir objetos puros. Os primeiros imaginaram culturas nacionais e populares *autênticas*; procuraram preservá-las da industrialização, da massificação urbana e das influências estrangeiras. Os segundos conceberam uma arte pela arte, um saber pelo saber, sem fronteiras territoriais. As próprias ideologias modernizadoras, do liberalismo ao desenvolvimentismo, acentuaram essa compartimentação, caracterizando a modernização como uma etapa além, como uma evolução. As formas de produção, as crenças e os bens tradicionais seriam substituídos. O conhecimento científico tomaria o lugar dos mitos; a expansão da indústria acabaria com o artesanato; os livros cederiam seu espaço para os meios audiovisuais de comunicação.

Hoje, existe uma compreensão mais complexa sobre as relações entre tradição e modernidade. O culto tradicional não é apagado pela industrialização dos bens simbólicos. Ao invés de se extinguir, essa produção se transforma pelo contato. Diz o autor:

Nunca houve tantos artesãos, nem músicos populares, nem semelhante difusão do folclore, porque seus produtos mantêm funções tradicionais (dar trabalho aos indígenas e camponeses) e desenvolvem outras modernas: atraem turistas e consumidores urbanos que encontram nos bens folclóricos signos de distinção. (CANCLINI, 2003, p. 22)

Ou seja, a modernização diminui o papel do culto e do popular tradicionais no conjunto do mercado simbólico, mas não os suprime. Redimensiona a arte e o folclore, o saber acadêmico e a cultura industrializada sob condições relativamente semelhantes.

A definição de arte, por exemplo, não se circunscreve a uma questão estética. É preciso levar em conta como essa questão será respondida no cruzamento que fazem os jornalistas e os críticos, os historiadores e os museógrafos, os *marchands*, os colecionadores e os especuladores. Da mesma forma, o popular não se define por uma essência *a priori*, como lembra Canclini (2003, p. 23), mas pelas estratégias instáveis, diversas, com que os próprios setores subalternos constroem suas posições, e também pelo modo como o folclorista e o

antropólogo levam à cena a cultura popular para o museu ou para a academia; os sociólogos e os políticos para os partidos; os comunicólogos para a mídia.

Esta hibridização cultural é consequência, também, dos diferentes estágios em que se encontra a sociedade latino-americana. A todo o momento, há pessoas entrando na modernidade e saindo dela, entrando na pós-modernidade e saindo dela. Ao mesmo tempo em que estão disponíveis as mais altas tecnologias a um número restrito de cidadãos, grande parte dos latino-americanos não tem acesso ou não está *alfabetizada* para o uso dessas tecnologias. Mesmo os mais favorecidos economicamente continuam alternando conhecimentos ditos modernos com formas arcaicas de poder.

Os processos de hibridização apresentam variedade de objetos, terminologias, situações, reações e resultados, como fica claro no ensaio de Burke (2003) sobre o tema. Esses conceitos, amplamente discutidos na contemporaneidade, desenham o cenário da hibridização cultural e revelam suas peculiaridades. Cada um se desdobra em vários, e as áreas do conhecimento, chamadas para entendê-los, acabam fazendo de nossa ciência, também, uma ciência híbrida.

Em estudo recente, Canclini debruçou-se sobre as diferenças, as desigualdades e as desconexões na América Latina (2004). O conceito-chave, nessa obra, é *interculturalidade*. Diferente da multiculturalidade, que supõe a aceitação do heterogêneo, a interculturalidade implica que os diferentes são o que são em relações de negociação, empréstimos e conflitos recíprocos. Como já fez em *Culturas Híbridas* (1997), o autor levanta a importância de se estudar o tema com a concorrência da antropologia, da sociologia e da comunicação.

Estudar as diferenças e preocupar-se pelo que nos homogeneiza tem sido uma tendência dos antropólogos. Os sociólogos se acostumaram a observar os movimentos que nos igualam e os que aumentam a disparidade. Os especialistas em comunicação só pensam as diferenças e as desigualdades em termos de inclusão e exclusão. De acordo com a ênfase de cada disciplina, os processos culturais são lidos com chaves distintas.

Para as antropologias da diferença, a cultura é pertencimento comunitário e contraste com os outros. Para algumas teorias sociológicas da desigualdade, a cultura é algo que se adquire formando parte das elites ou aderindo a seus pensamentos e seus gostos; as diferenças culturais procederiam da apropriação desigual dos recursos econômicos e educativos. Os estudos comunicacionais consideram, quase sempre, que ter cultura é estar conectado. Não há um processo evolucionista de substituição de umas teorias por outras: o problema é averiguar como existem, chocam ou se ignoram a cultura comunitária, a cultura como distinção e a cultura.com. (CANCLINI, 2004, p. 13-14, tradução nossa)

No campo político, o reconhecimento da diversidade cultural como fundamental para a democracia é um fenômeno novo, como afirma Mattelart (2005). Da cultura à comunicação, do

povo ao público, do cidadão ao consumidor. Sob essas permutas, não deixaram de se jogar, durante os dois últimos séculos, as tensões entre o projeto da *república mercantil universal*, sob o signo do livre comércio, e o universalismo dos valores exaltados pelos *iluministas*; entre o etnocentrismo da colonização cultural e as lutas pela salvaguarda das identidades; entre o espaço fechado do nacional e os vetores transfronteiras; entre a filosofia do serviço público e o pragmatismo do livre jogo da concorrência; entre a cultura legitimada e as culturas populares; e entre a alta cultura e a cultura do cotidiano.

3 – Proposta para o estudo do jornalismo cultural

Para formar o estudante de jornalismo para uma prática profissional que dialogue com uma compreensão ampla do que é cultura e do que é objeto do jornalismo cultural, a disciplina voltada para essa especialização deve contemplar, de maneira aprofundada, tanto a perspectiva teórica quanto a prática.

Do ponto de vista teórico, é fundamental a compreensão do cenário de hibridização cultural característico da América Latina e, logo, do Brasil. É fundamental a discussão de diferentes conceitos e visões sobre cultura, desde a perspectiva frankfurtiana de indústria cultural, passando pelos estudos culturais britânicos e latino-americanos, assim como pelos debates empreendidos pelos franceses acerca da cultura e da sociabilidade contemporâneas.

Do mesmo modo, é necessário oferecer aos alunos a possibilidade de iniciar uma sólida formação histórica no campo da cultura por meio de leitura e discussão de textos, assim como pela vivência e experimentação. A formação teórica, tão importante para o exercício pleno do jornalismo, seja na cobertura cultural – informativa, seja na crítica – opinativa, deve ser cruzada com atividades práticas, que coloquem o aluno em contato com os conflitos e as idiossincrasias característicos do jornalismo como um todo e, em especial, aqueles relacionados ao jornalismo cultural.

Para isso, é interessante reservar uma parte do programa da disciplina para atividades práticas, que podem ser, por exemplo, coletivas de imprensa com diferentes agentes do campo cultural – diretores de teatro, artesãos, artistas plásticos, fotógrafos, produtores de cinema, músicos de rua, escritores dos mais diversos gêneros e vertentes, representantes de religiões, filósofos etc. As coletivas, para as quais os estudantes devem ir preparados para conduzir a entrevista, devem dar origem a matérias individuais de cada aluno, em um gênero jornalístico proposto pelo professor ou de livre escolha.

Outra atividade que pode contribuir para a etapa prática da disciplina é a realização de coberturas dirigidas ou gerais ao longo de todo o semestre, de acordo com o interesse do aluno, aplicando os diferentes gêneros jornalísticos: resenhas, colunas, reportagens, entrevistas pingue-pongue, perfis etc. Nesse caso, por exemplo, o estudante que tem interesse

em especializar-se em teatro pode direcionar suas coberturas para essa prática cultural, escrevendo colunas e críticas sobre espetáculos em cartaz em sua cidade, sobre textos de autores que considera importantes, realizando entrevistas com os agentes relacionados ao tema etc. Essa atividade tem como objetivo contribuir para que o aluno coloque em prática os conceitos que aprendeu, se familiarize com a área que pretende cobrir, aprenda sobre ela e divida suas experiências com o restante da turma. Esses textos, assim como aqueles produzidos com base nas entrevistas coletivas, podem ser publicados ao final da disciplina, em formato impresso ou digital.

Cada aluno, ao longo do semestre, deve produzir um caderno de campo da disciplina, no qual ficará registrado o que se refletiu, tanto do ponto de vista teórico, quanto prático. Olhares diversificados, dificuldades relacionadas ao processo jornalístico, conflitos, aprendizados, enfim, tudo o que contribui para a construção do conhecimento acerca do jornalismo cultural constará nesse caderno.

Esta disciplina de jornalismo cultural poderia ser ministrada com base no seguinte plano de ensino:

PROGRAMA DE DISCIPLINA – JORNALISMO CULTURAL

<p>Súmula</p> <p>Abordagem teórica e prática do jornalismo cultural, enfatizando as especificidades desse campo com base em diferentes correntes de pensamento. Discussão dos diversos conceitos de cultura, passando pelo contato com práticas culturais diversificadas e pelo estudo do processo jornalístico nesse campo.</p>
<p>Objetivos</p> <p>Ao final do semestre, o estudante deverá ter uma compreensão ampla sobre o jornalismo cultural – entender sua história, sua teoria e sua prática, além de ser capaz de analisar o papel dos meios de comunicação social na construção e na reconstrução de identidades culturais.</p>
<p>Conteúdo programático</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cultura: conceitos e discussões teóricas; - História cultural; - Diversidade cultural e mundialização; - Cultura e comunicação na América Latina; - Cultura e comunicação no Brasil; - Jornalismo cultural: história; - Jornalismo cultural: abordagens teóricas; e - Jornalismo cultural: atividades práticas.
<p>Metodologia</p> <p>Aulas expositivo-dialogadas, leitura e discussão de textos, trabalhos em pequenos grupos e produção de textos jornalísticos em diferentes formatos.</p>
<p>Critérios de avaliação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Participação em aula e leitura de textos: 10%; - Textos jornalísticos produzidos: 50%; e - Prova: 40%.
<p>Programação das aulas (cronograma/procedimentos/conteúdo)</p>

- 1ª – Apresentação da disciplina;
- 2ª – Conceitos de cultura e discussões teóricas relacionadas;
- 3ª – História cultural;
- 4ª – Diversidade cultural e mundialização;
- 5ª – Cultura e comunicação na América Latina;
- 6ª – Cultura e comunicação no Brasil;
- 7ª – Jornalismo cultural: história I;
- 8ª – Jornalismo cultural: história II;
- 9ª – Jornalismo cultural: abordagens teóricas;
- 10ª – Coletiva de imprensa I;
- 11ª – Avaliação da Coletiva de imprensa I e discussão dos trabalhos dela resultantes à luz do conteúdo abordado na disciplina até então;
- 12ª – Apresentação e discussão de coberturas jornalísticas produzidas individualmente pelos alunos, com escolha de tema livre, dentro do jornalismo cultural;
- 13ª – Coletiva de imprensa II;
- 14ª – Avaliação da coletiva de imprensa II e discussão dos trabalhos dela resultantes à luz do conteúdo abordado na disciplina até então;
- 15ª – Apresentação e discussão de coberturas jornalísticas produzidas individualmente pelos alunos, com escolha de tema livre, dentro do jornalismo cultural;
- 16ª – Fechamento de publicação dos textos produzidos pelos alunos ao longo do semestre, em uma publicação impressa ou digital;
- 17ª – Prova; e
- 18ª – Fechamento da disciplina.

Conclusão

Ainda que os meios de comunicação muitas vezes considerem a cultura como uma área branda, o certo é que se trata de um campo relevante para o fortalecimento de uma sociedade caracterizada pela diversidade e pela pluralidade. Em uma concepção ampla do mundo da cultura, entende-se que o mesmo agrupa tanto interpretações e opiniões sobre as artes quanto tendências socioculturais que convivem com a sociedade da informação (LÓPEZ, 2004). Para López, é preciso compreender a cultura em condições de multiculturalidade – assim, podemos dizer que a cultura não é apenas um conjunto de objetos, de obras de arte, de livros, ou seja, não é apenas um conjunto material, mas constitui-se de processos sociais. Tudo o que está relacionado a esses processos sociais, a essas manifestações que se produzem e se consomem na sociedade, tem ou deve ter lugar nos espaços dedicados à cultura em nossos meios de comunicação.

Com base nessa compreensão, baseou-se a formatação aqui apresentada para a disciplina jornalismo cultural. Trata-se de um programa que, de um lado, promove a discussão teórica a respeito dessa especialização e, de outro, proporciona o aprendizado prático, por meio de atividades direcionadas cujos processos são levados ao debate com os alunos. Pretendemos, utilizando o diálogo entre os estudos acadêmicos e a prática profissional, construir uma base sólida para a formação dos estudantes de graduação em jornalismo cultural, que não esteja descolada do mundo da vida e que promova a compreensão do cenário cultural híbrido no qual estamos inseridos.

Referências bibliográficas

ALBERTOS, José Luis Martínez. *Curso general de redacción periodística*. Madri: Paraninfo, 2001.

AMARAL, Luiz. *Técnica de jornal e periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

ARNT, Héris. *A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica*. Rio de Janeiro: e-papers, 2001.

BAHIA, Juarez. *Jornal: história e técnica*. São Paulo: Ática, 1990. v.2.

BALZAC, Honoré de. *Ilusões perdidas*. Porto Alegre: Globo, 1955.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

CANCLINI, Néstor García. *A globalização imaginada*. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. ¿Como se ocupan los médios de la información cultural? Publicado na revista eletrônica etecétera. Disponível em: www.etcetera.com.mx. Acesso em: 12 de julho de 2004.

_____. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

_____. *Cultura y comunicación: entre lo global y lo local*. Buenos Aires: EPC, 1997.

_____. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 1997.

_____. *Diferentes, desiguales y desconectados*. Barcelona: Gedisa, 2004.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

FARO, José Salvador. Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 4., Porto Alegre, 2006. *Anais*. Porto Alegre, 2006.

GARCIA, Maria Cecília. *Reflexões sobre a crítica teatral nos jornais: Décio de Almeida Prado e o problema da apreciação da obra artística no jornalismo cultural*. São Paulo: Mackenzie, 2004.

GENS, Rosa (Org.). *O momento literário: João do Rio*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

GRIMSON, Alejandro. *Interculturalidad y comunicación*. Buenos Aires: Norma, 2000.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOHLFELDT, Antonio. *Deus escreve direito por linhas tortas: o romance folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

_____. *Jornalismo e literatura: relações antigas e ambíguas*. Porto Alegre, Sindicato dos Jornalistas de Porto Alegre, 1976.

_____. Relações entre jornalismo e literatura na década de 70. In: KOHUT, Karl (Org.). *Palavra e poder: os intelectuais na sociedade brasileira*. Frankfurt: Vervuert, 1991.

JOHNSON, Richard. *O que é, afinal, estudos culturais?* Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

LÓPEZ, Xosé. Informação cultural. In: MORAL, Javier Fernández del (Org.). *Periodismo especializado*. Barcelona: Ariel, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

_____. Un periodismo para el debate cultural. In: VVAA (Orgs.). *Periodismo y cultura*. Santafé de Bogotá: Tercer Mundo, 1992. p. 27-32.

MATTELART, Armand. *Diversité culturelle et mondialisation*. Paris: La Decouverte, 2005.

MORAL, Javier Fernández del (Org.). *Periodismo especializado*. Barcelona: Ariel, 2004.

PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

RIVERA, Jorge B. *El periodismo cultural*. Buenos Aires: Paidós, 1995.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal: os suplementos literários dos jornais franceses e brasileiros nos anos 90*. Cotia: Ateliê, 2001.

URIBE, Guillermo González. Cultura y periodismo. In: VVAA (Orgs.). *Periodismo y cultura*. Santafé de Bogotá: Tercer Mundo, 1992.

VÁZQUEZ, María Esther; SOTO, Moira; QUIROGA, Osvaldo; COSTA, Flavia. *Cómo se hace una entrevista (en el periodismo cultural)*. Buenos Aires: Libros del Rojas, 2003.

VVAA (Orgs.). *Periodismo y cultura*. Santafé de Bogotá: Tercer Mundo, 1992.

WARNIER, Jean-Pierre. *A mundialização da cultura*. Bauru: Edusc, 2000.

WEILL, Georges. *El periódico*. México: Uteha, 1962.

